

# Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2

Marcelo Pereira da Silva  
(Organizador)

**Atena**  
Editora

Ano 2020



# Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2

Marcelo Pereira da Silva  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora

Ano 2020



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Karine de Lima

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L755	<p>Linguagens e princípios teóricos-metodológicos das ciências da comunicação 2 [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-5706-114-5            DOI 10.22533/at.ed.145201606</p> <p>1. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 2. Comunicação – Metodologia. I. Silva, Marcelo Pereira da.</p> <p style="text-align: right;">CDD 303.4833</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

As mudanças pelas quais os Estados-nação, as sociedades, os sujeitos e organizações têm passado em termos econômicos, culturais, políticos, econômicos, tecnológicos, sociais, identitários e idiossincráticos projetam luzes sobre os horizontes, desafios, possibilidades e perspectivas para o campo dos estudos da comunicação na contemporaneidade.

Nesse sentido, a obra intitulada “Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2” debate o(s) lugar(es) do campo, da ciência e das profissões da comunicação em um mundo hiperconectado e permeado pela cultura de consumo, pelo império do efêmero e pelos imperativos das redes e mídias sociais da Internet que encorpam emergentes modos de interação, diálogo, negócios, entretanto, também, de conflitualidades, discursos de raiva, desrespeito, cancelamento e vigilância.

Entendemos, nesta obra, que a comunicação tem como horizonte: 1. A coabitação de visões e percepções, muitas vezes, conflitantes; 2. A convivência e a coabitação. Estes fatores representam um grande problema, mas podem oferecer uma prodigiosa solução quando tratamos do cenário interativo-informacional do ecossistema comunicativo, posto que porta uma vocação democrática, ampliando os espaços de fala e expressão dos sujeitos.

As linguagens e princípios teórico-metodológicos das ciências da comunicação revelam a intrínseca relação entre comunicação e democracia. Nesse universo, as redes da Internet tornam-se o epicentro da profusão e legitimação da participação, colaboração e interação entre sujeitos, organizações e Estados. Em um mundo aberto no qual cada sujeito quer ter o direito e a liberdade de manifestar opiniões a respeito de tudo – e de todos –, o ecossistema digital é um habitat propício para tensionar organizações e poderes instituídos acerca de suas práticas, posicionamentos e políticas.

O poder, antes concentrado nas mãos dos grandes conglomerados de comunicação e vincado no modelo “de um – para muitos”, no contexto da comunicação virtual possibilitou uma maior participação social, legitimando o modelo de comunicação “de muitos – para muitos”, o qual é síncrono e independente das distâncias geográficas, afetando rigorosamente as diretrizes de construção de significado e a produção de relações de poder.

Com os meios de comunicação de massa tínhamos os sujeitos tecnologicamente alijados da participação ativa no processo comunicativo, relegados à condição de excluídos do processo de construção da mensagem que chegava; hoje, os fluxos de informação, produção e disseminação são pluridimensionais. Destarte, a comunicação inclui ligações preferenciais e a preferência pelas diversidades,

conectando sujeitos a organizações, populações a instituições governamentais, ativistas a movimentos sociais e cidadãos a cidadãos. Esse mundo informativo nos convida a analisar e aplicar as metodologias, epistemologias, teorias e linguagens que emergem da consolidação da comunicação e das novas socialidades propiciadas pela cultura de conexão, convergência e participação no contexto da sociedade contemporânea.

Sob essas premissas, este e-book reúne artigos de pesquisadores de todo o Brasil que vem se dedicando a investigar a comunicação por meio de variadas facetas, levando em conta sua natureza essencialmente dialógica, humana, participativa, caleidoscópica e complexa.

Marcelo Pereira da Silva

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
CIBERTEOLOGIA: COMUNICAÇÃO E FÉ NO ECOSISTEMA VIRTUAL	
Rodolpho Raphael de Oliveira Santos Marcelo Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1452016061	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
METODOLOGIA Z UMA PROPOSTA PARA A ENGENHARIA DE SISTEMAS DIGITAIS PARA GESTÃO DA INFORMAÇÃO	
Paulo Sérgio Araújo Luis Manuel Borges Gouveia	
DOI 10.22533/at.ed.1452016062	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>42</b>
AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) E O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS (LE)	
Elizabeth Regina Makiko Moriya Uemura Edson José Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.1452016063	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>53</b>
A OPINIÃO PÚBLICA AINDA NÃO EXISTE? PENSANDO AS PESQUISAS DE OPINIÃO PÚBLICA NA ERA DO BIG DATA SEGUNDO AS CRÍTICAS DE BOURDIEU EM <i>A OPINIÃO PÚBLICA NÃO EXISTE</i>	
Pedro Neris Luiz Caldas	
DOI 10.22533/at.ed.1452016064	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>65</b>
AS PESQUISAS DOS ANTROPÓLOGOS SARAH BOHANNAN E CLIFFORD GEERTZ E DO TEÓRICO CULTURAL STUART HALL PARA PENSAR O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.1452016065	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>78</b>
COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR FRENTE ÀS COMPRAS EM SUPER E MINIMERCADOS NA CIDADE DE PATOS-PB	
Francisca Érika Nobrega da Silva Mariana Tomaz Silva Patrícia Lacerda de Carvalho Tatyanna Nadabia de Souza Lima Paes	
DOI 10.22533/at.ed.1452016066	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>92</b>
PUBLICIDADE, CONSUMO E NOVAS TECNOLOGIAS: UM ESTUDO DOS NOVOS COMPORTAMENTOS DO CONSUMIDOR NA SOCIEDADE EM REDE	
Danilo de Souza Moura José Maurício Conrado Moreira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1452016067	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>104</b>
DO VINIL AO STREAMING: FORMATOS DE DIFUSÃO E ARMAZENAMENTO DE MÚSICAS E	

SUAS RELAÇÕES COM A EXPERIÊNCIA DO OUVINTE

[Carlos Phillipe Kelency](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1452016068**

**CAPÍTULO 9 ..... 114**

FESTA DE SÃO SEBASTIÃO. Espaço Simbólico e de Pertencimento Quilombola, Rio Andirá, Fronteira Amazonas/Pará

[João Marinho da Rocha](#)

[Marilene Corrêa da Silva Freitas](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1452016069**

**CAPÍTULO 10 ..... 124**

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA CONTRA AS DE MATRIZ AFRICANA NA MÍDIA HEGEMÔNICA: ANÁLISE DE CONTEÚDO NOS JORNAIS “O GLOBO” E “O ESTADO DE S. PAULO”

[Roberto Marcello](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14520160610**

**CAPÍTULO 11 ..... 137**

A MULHER NEGRA COMO APRESENTADORA DE TELEVISÃO

[Ana Carolina Huertas Antonio](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14520160611**

**CAPÍTULO 12 ..... 149**

NINJA ES: COLABORAÇÃO E COMPARTILHAMENTO NA TERRITORIALIDADE INFORMACIONAL DURANTE AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS CAPIXABAS

[Ana Paula Miranda Costa Bergami](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14520160612**

**CAPÍTULO 13 ..... 162**

A QUESTÃO DA INDEPENDÊNCIA DA CATALUNHA:  
UM BALANÇO DO IMPACTO MIDIÁTICO DO SEPARATISMO ESPANHOL

[Rodolfo Silva Marques](#)

[Bruno Da Silva Conceição](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14520160613**

**CAPÍTULO 14 ..... 176**

UMA MANCHETE EM REVISTA: destacabilidade e aforização

[Luís Rodolfo Cabral](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14520160614**

**CAPÍTULO 15 ..... 188**

EVENTOS COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO E DE CONSUMO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA – SOCIOCULTURAL E ECONÔMICA DOS BANQUETES AS CASAS DE EVENTOS

[Iêda Litwak de Andrade Cezar](#)

[Joseana Maria Saraiva](#)

[José Alberto de Castro](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14520160615**

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 206**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 207**

## METODOLOGIA Z UMA PROPOSTA PARA A ENGENHARIA DE SISTEMAS DIGITAIS PARA GESTÃO DA INFORMAÇÃO

*Data de aceite: 05/06/2020*

### **Paulo Sérgio Araújo**

Doutorando em Ciências da Informação na UFP, Porto, Portugal, Gestor de projetos do Núcleo de Tecnologia Municipal de Betim - MG – profaraujosergiopaulo@gmail.com

### **Luis Manuel Borges Gouveia**

Professor Catedrático da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal – lmbg@ufp.edu.pt

**RESUMO:** A transição do analógico ao digital, poderá ser orientada por meio de modelos teóricos via metodologias ativas, a partir de estágios comunicativos, utilizando modelos conceituais filosóficos, que garantam a participação, colaboração e interação de todos os futuros usuários, para a construção de uma plataforma digital. Garantir a interação entre os usuários e a compressão dos processos na gestão da informação via digital é fundamental. Pretendemos apresentar a reflexão acerca dos aspectos que permeiam estas relações em um território, foco da pesquisa. Para tal empreendimento, apresentaremos os marcos teóricos que poderão servir de referência para desenvolver condições necessárias, desde

a construção dos requisitos da Plataforma digital, à gestão de conteúdo, por meio de um modelo que intitulamos modelo Z. Em seguida, apresentamos estes pontos: 1. O conceito de Sistema e sua significação. 2. Abordagem do primeiro estágio do modelo Z: a subjetivação, a partir de Weber; 3. A objetivação a partir de Durkheim e seus limites, segundo estágio do modelo Z. 4. O terceiro estágio do modelo Z é o da intersubjetividade da comunidade de comunicação habermasiana. 5. Por fim, o último estágio do modelo Z, o conceito de interconectividade pela via da inteligência coletiva de Lévy, uma passagem de interações presenciais para o virtual como uma perspectiva para fomentar a cultura digital, elemento essencial para a construção e sustentabilidade da plataforma digital.

**PALAVRAS-CHAVE:** Plataforma digital. Subjetivação. Objetivação. Intersubjetividade. Interconectividade. Engenharia de Sistema. Requisitos.

### METHODOLOGY Z A PROPOSAL FOR DIGITAL SYSTEMS ENGINEERING FOR INFORMATION MANAGEMENT

**ABSTRACT:** The transition from analogue to digital can be guided by theoretical models

through active methodologies, using communicative stages, using conceptual philosophical models that guarantee the participation, collaboration and interaction of all future users, involved in the platform digital development. Ensuring the interaction between users and the compression of the processes for deployment both the digital platform and its own information management is fundamental. We present the reflection about the aspects that permeate these relations within the research framework. Taking from a project, we will present the theoretical framework that can serve as a reference to develop the necessary conditions, from the built in of the requirements for a Digital Platform, including its information management, through a model that we call model Z. Then we present in detail its approach and description: 1 The concept of System and its meaning. 2. Approach the first stage of model Z: subjectivation, from Weber; 3. The objectification from Durkheim and its limits, second stage of the Z model. 4. The third stage of the Z model is that of the intersubjectivity of the habermasian communication community. 5. Finally, the last stage of model Z, the concept of interconnectivity via Lévy's collective intelligence, a passage from face-to-face interactions to the virtual as a perspective to foster digital culture, an essential element for the construction and sustainability of the platform digital.

**KEYWORDS:** Digital platform. Subjectivation. Objectification. Intersubjectivity. Interconnectivity. System Engineering. Requirements.

## 1 | INTRODUÇÃO

Este artigo pretende apresentar uma reflexão acerca da construção de uma plataforma digital, tendo em vista a transformação da gestão das informações da educação especial, realizada em papel, para a gestão realizada no formato digital. Pretendemos apresentar um modelo que vise demonstrar de que maneira o processo de construção da plataforma em questão, poderá ser realizado, levando em consideração a participação, a colaboração e a interação de todas as pessoas que se tornarão usuários, em diversos níveis, desta plataforma.

Na medida em que compreendemos a gestão da informação, realizada nos espaços não digitais, poderemos, a partir de uma conexão com as pessoas que realizam esta gestão, colaborar para que elas possam interagir entre si e construir com elas estratégias de interação, que favoreçam e garantam a integração por meio da qual, poderemos construir um sistema digital que parta das necessidades dos sujeitos e da comunidade de usuários como um todo, do território em que as informações são geridas.

O primado da teoria, ou seja, do conhecimento técnico informático sobre a prática contida no saber da gestão das pessoas que utilizam um sistema e o alimentam de informações, tem se mostrado em muitos casos, ineficiente e insustentáveis, por

muitas vezes não levar em consideração as pretensões de validade apresentada pelos usuários, ou mesmo oportunizar condições de participação para colaborar e contribuir com a construção de uma plataforma digital.

Trabalhando em equipe conseguimos feedback para saber o instante em que os planos e projetos precisam mudar. Muitos olhos garantem que o projeto permaneça relevante e nos trilhos. Fitzpatrick e Collins-Sussman (2012), destacam que, pessoas que trabalham em cavernas acordam para descobrir que, embora sua visão original possa estar completa, o mundo mudou e tornou o produto irrelevante. A alegoria da caverna platônica faz um grande sentido, no entanto, a luz e o ideal poderá ser construído, não solitariamente mas em grupo. Esta ideia está por articular as conexões cognitivas, trama constitutivas da estrutura e do ideário deste texto e do projeto da plataforma digital.

Na construção de um sistema de gestão da informação e conseqüentemente, a desterritorialização da informação, contida em papel para o digital, deve-se essencialmente levar em consideração, as pessoas que irão utilizar este sistema. Essa premissa corrobora analogamente a defesa realizada por Habermas (1997), acerca da teoria do direito, visto que nela, ele defende a validade das pretensões levantadas pelas pessoas que são afetadas pelas leis, e que as mesmas devem apresentar o seu assentimento nos processos de construção dessas mesmas leis, visando a legitimidade de um Estado democrático de direito. Por analogia a esta ideia, nos processos de construção de uma plataforma digital, todas as pessoas que a utilizarão deverão ter a possibilidade de participar ativamente de sua construção, para que neste processo não alienante, percebam-se coautores de uma estrutura digital que alterará seu contexto de trabalho, no que tange a gestão da informação realizada por elas todos os dias, em seu espaço de trabalho.

Apresentada esta premissa, identificada como base reflexiva para pensarmos os processos de construção de um sistema digital, que prime pela participação, interação e colaboração entre as pessoas, que podem participar da construção de uma plataforma, tendo em vista o uso de tecnologia digital para melhorar a gestão das informações de alunos com deficiências, que estudam em escolas no município de Betim, Brasil, poderá constituir condições sustentáveis para construir conexões entre as pessoas e conseqüentemente, entre as pessoas via mídia digital.

A partir desse raciocínio, conciliar pressupostos oriundos da filosofia como mecanismo de compreensão nos processos de interação para a construção ferramentas tecnológicas nos parece, pertinente. Isto porque antes de construirmos um artefato, o que temos em primeira instância é uma ideia. O objeto por excelência da filosofia em primeira instância são as ideias. Investigar e analisar sua genealogia e intencionalidade compõe o cenário propício para a construção de projetos de *software* muito mais sustentáveis.

Realizar, um processo de passagem das intenções subjetivas a objetivação, passando para um terceiro estágio às condições discursivas intersubjetivas das equipes dos usuários que se tornam também construtores, na elaboração de uma plataforma, se posicionando em experiências presenciais em um primeiro momento e passando à interações interconectivas, no formato digital, compõe os passos desse modelo em estudo, que apresentaremos.

Contribuir para a visualização e o reconhecimento do valor agregado de uma gestão digital, dependerá fortemente do papel de protagonismo que os atores/usuários envolvidos possuem, desde o início da transformação do analógico ao digital. O reconhecimento de si, no artefato que servirá para o trabalho diário, constitui um elemento primoroso para a sustentabilidade do projeto de gestão digital, assim também, elemento importante para a formação dos mesmos sujeitos para a transformação digital do território em questão, em vista a uma cultura digital.

Seguiremos o seguinte percurso: em primeiro, apresentaremos a ideia de sistema alegoria arquetípica para compor e sustentar o cenário de base, para demonstrar, os passos do modelo Z e seus estágios empregados, para a construção de uma plataforma. Em segundo, passaremos a demonstrar os eixos desse modelo, tendo como a lente interpretativa, conceitos da sociologia de Weber para compreender a ação social pela via da subjetivação no processo de produção da plataforma digital. Em terceiro, os processos de objetivação, segundo conceitos durkeinianos, realizada numa perspectiva técnica, na elaboração do projeto. Na quarta parte, os processos de participação e validação em grupo de comunicação num viés intersubjetivo, da produção realizada pelo programador do sistema, pressupostos da filosofia habermasiana. A quinta e última parte, apresentaremos a passagem dos processos presenciais de discussão, para condições interconectivas, no interior da plataforma, em fóruns *online*.

## 2 | A IDEIA DE SISTEMA

A ideia de sistema compõe um viés interpretativo, como uma lente pela qual podemos visualizar e compreender o fenômeno que se constitui os importantes marcos teóricos que utilizaremos para demonstrar perspectivas referenciais que podemos utilizar ou não, quando queremos tornar digital, um sistema de informação analógica.

Destacando sempre que “a informática é um meio, não é um fim: antes da informatização de um sistema de informação, há que procurar a realidade sobre o atual sistema de informação. (...)” (Alturas, 2013, p.25). Tomemos a ideia de sistema como um fenômeno que aparece e é produzido como um elemento que

traz em si mesmo, uma idealidade que responde a uma mentalidade que o edificou e atende a um objetivo, razão de sua existência. O contexto e a ideia de sistema, bem como sua definição, herdamos da biologia.

Em 1950, o biólogo austríaco Ludwig von Bertalanffy, pesquisador incansável da teoria biológica – tendo sido o responsável pela formulação do conceito organísmico – publicou em uma revista inglesa um trabalho intitulado: Esboço de uma teoria geral dos sistemas. Entretanto, seu conceito organísmico, desenvolvido entre os anos de 1920 e 1930 era já baseado na ideia de que o organismo não é um conglomerado de elementos distintos, mas uma espécie de sistema possuindo organização e integração. Assim sendo, o genial criador da teoria dos sistemas, de tão ampla aplicação em todos os terrenos do conhecimento humano, teve, como preocupação inicial, demonstrar as propriedades que resultam da integração em seres vivos. Porém, não se restringiu a isso. Após desenvolver toda uma completa formulação matemática como suporte da sua teoria, tornou-a generalizável aos outros campos da ciência, ele próprio produzindo trabalhos (sua bibliografia ultrapassa 300 publicações, incluindo 13 livros) de aplicação aos terrenos da biografia, da psicologia, da filosofia, da cibernética etc. (Branco, 1999, p.67).

Define-se sistema, segundo ele, como sendo: “um conjunto de elementos dinamicamente relacionados entre si, formando uma atividade para atingir um objetivo, operando sobre entradas (informação, energia, matéria) e fornecendo saídas (informação, energia, matéria) processadas” (Bertalanffy, 1975, p. 53).

Avesso à visão cartesiana do universo, ele construiu uma abordagem orgânica da biologia e tentou fazer aceitar a ideia de que o organismo é um todo maior que a soma das suas partes, imprimindo assim, uma nova visão nas ciências, a de que se deve estudar sistemas globalmente de forma a envolver todas as suas interdependências, pois cada um dos elementos, ao serem reunidos para constituir uma unidade funcional maior, desenvolvem qualidades que não se encontram em seus componentes isolados, evocando a necessidade em desenvolver um ideário no campo das ciências, na elaboração de uma visão de conjunto, contrariando o reducionismo científico, o que exige uma reformulação do tipo de racionalidade que se emprega nas construções científicas em todos os âmbitos.

Segundo Alvarez (1990), William Ross Ashby, médico neurologista inglês que em 1951, criou o primeiro homeostato, um dispositivo eletrônico autorregulado por retroalimentação. Que em 1956, introduziu o conceito na ciência cibernética. O conceito sistema passou a ser utilizado em diversos âmbitos do conhecimento e poderá ser constituído por diversas perspectivas racionais.

Construir redes de comunicação, sistemas digitais, constitui um desafio antropológico, sociológico, filosófico, etc, por significar projeções de si nos contextos relacionais, construído entre as pessoas. E este pressuposto constitui as estruturas primárias para se pensar a engenharia da produção de um *software*. Os modelos de gestão, hierarquizados nos processos de acesso e participação no modo operacional

de uma organização, etc, (Lévy, 2015). Revela por si, um retrato das estruturas intrínsecas de poder e de controle da informação de um território.

Esta imagem apresenta as cinco instituições de ensino e suas subdivisões. Nelas, estão as pessoas, que em seus diversos cargos e níveis fazem a gestão da informação dos alunos da Educação Especial, envolvidas nesta pesquisa, estamos empregando o modelo Z, para as interações na construção da plataforma digital.

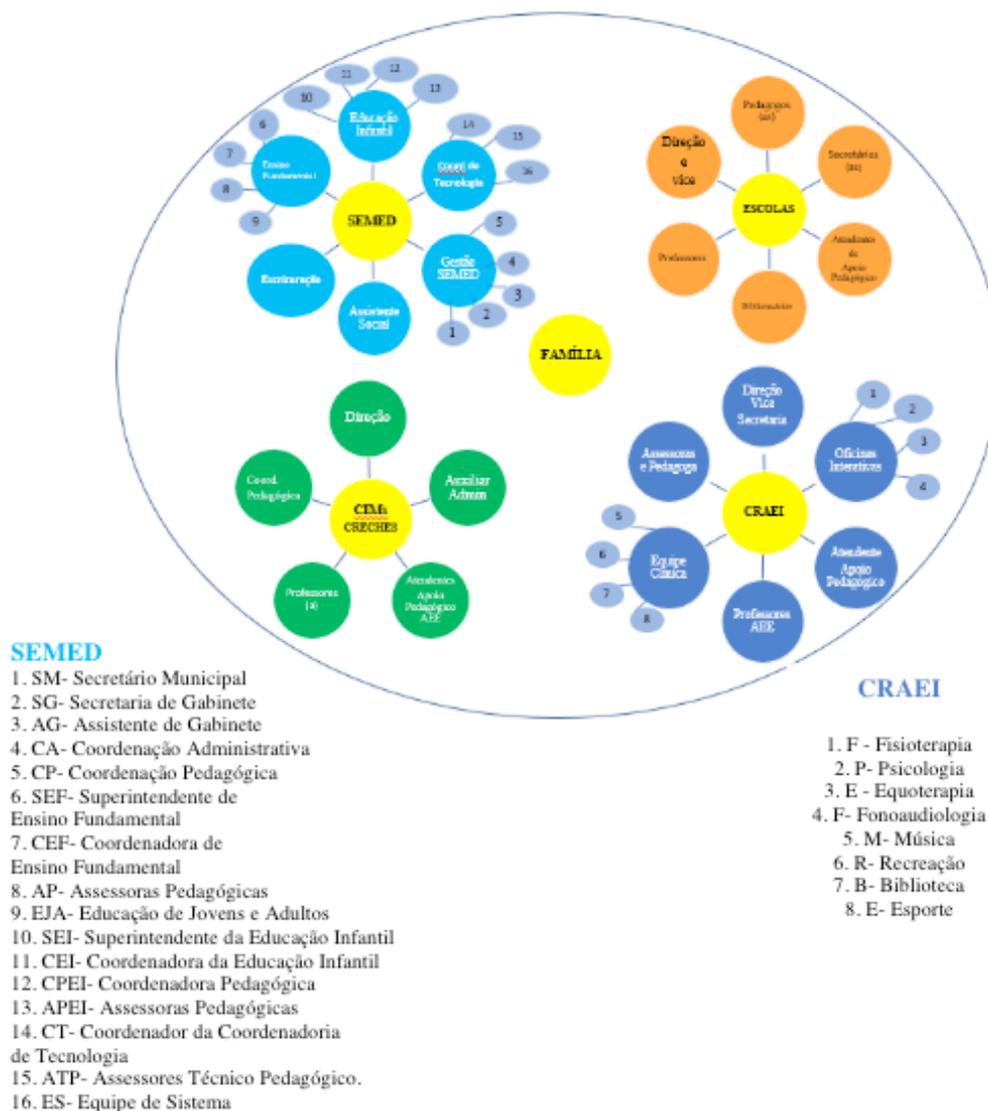


Figura 1: Interações associadas com a gestão da informação, no CRAEI

A sensibilidade para captar a estrutura da organização de um território, e as tessituras de um *ethos* constituído, para realizar a transposição de gestão da informação realizada em papel, para estruturas, ao modo de sistema digital, reflete um desafio interpretativo para perceber a aproximação ou não, com o modelo de sistema biológico. É uma oportunidade singular, para perceber a estruturação de gestão, ora verticalizada e rígida, piramidal e as vezes horizontalizante com aspectos de reconhecimento de intercolaboração entre os usuários, nos processos

de acesso a informação.

### 3 | MODELO Z PARA A CONSTRUÇÃO COLABORATIVA DA PLATAFORMA DIGITAL

O intelecto produz instrumentos intelectuais, como postulava Espinosa (2003), com o intuito de incentivar e defender a importância da construção de instrumentos racionais que conduzisse a compreensão da realidade e definição de um caminho que conduziria, a esforço para a melhoria da ciência de seu tempo.

Postulamos este modelo, inspirados nas referências teóricas de autores da sociologia e da filosofia que abordam contextos de interação social e compreensão subjetiva de visões de mundo. Elementos fundamentais a serem compreendidos por construtores de sistemas digitais. Reconhecendo a plausibilidade do uso de conceitos ou categorias interpretativas dessas ciências, para a contribuição para a engenharia de *software*.

A utilização da letra **Z**, mostrou-se viável, comprovadamente, em face ao reconhecimento da similaridade do percurso e os estágios que realizamos, quando escrevemos esta letra com os processos que pretendemos empreender com a apresentação desta metodologia que detalharemos, a seguir. A utilização dos instrumentos conceituais, descritos em uma lógica evolutiva, idealizando estágios para viabilizar a participação das pessoas, que desejam participar, colaborar e interagir na construção e no uso da plataforma digital, em uma esfera pública.

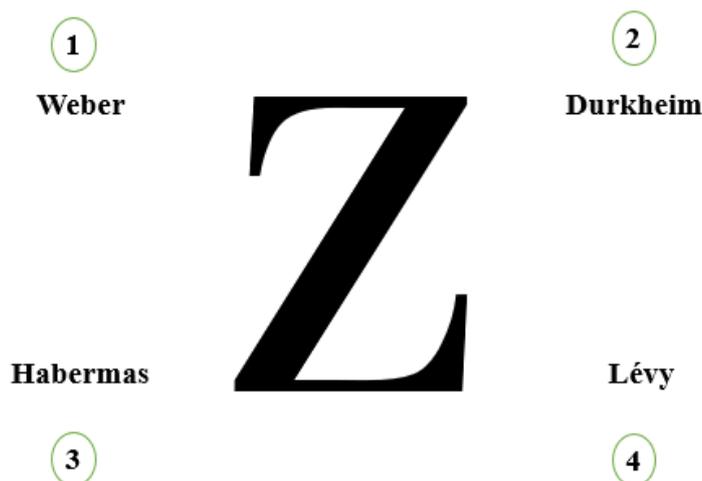


Figura 2: A quadro de referência para o modelo Z

Os referenciais teóricos garantidos por estes autores asseguram as fundações necessárias para compormos um percurso interpretativo, validado na interconexão dos seus conceitos fundamentais, condições necessárias para nos orientar desde

o conhecimento do território investigado, do sistema de informação construído e mantido pelo grupo, no formato analógico, até a construção do sistema digital, com o sucesso e a sustentabilidade necessária. Assim, o quadro conceitual que elaboramos, compõe-se destes autores, que por sua vez, perfazem um interessante percurso dos quatro conceitos: Subjetivação: Weber; Objetivação: Durkheim; Intersubjetividade: Habermas e Inteligência Coletiva: Pierre Lévy e que designamos chamar de Interconectividade.

## **2.1 Subjetivação: fator de significação, identificação e padronização dos processos informacionais**

Com intuito de mostrar por meio de marcos teóricos, as idealidades constituídas na construção de sistemas de informação, levando em consideração, as perspectivas cartesianas presentes nos mesmos, visando apresentar na segunda parte, o ideário teórico que oferecem condições integrativas no processo de construção e uso da plataforma Digital. O que de princípio, podemos indicar do idealismo, de maneira mitigada, constitui o primeiro estágio na participação dos usuários na construção da plataforma digital.

Influenciado pelo idealismo alemão, uma corrente filosófica que de maneira geral defendia uma autovalorização ao sujeito como ser constituidor de racionalidade, capaz de elevar ao absoluto conhecimento sobre o mundo (Erle, 2009), Weber (1999), defendia que as pesquisas históricas, possibilitam entender as diferentes formas sociais entre as diversas sociedades. Assim, não seria possível captar as ideias generalizadas em relação a um grupo.

Contrário a essa perspectiva, a metodologia weberiana, indica, “(...) um forte antídoto contra as tendências holistas de impor conceitos coletivos na análise dos fenômenos sociais, históricos e políticos” (Monteiro & Cardoso, 2002, p.01). Isto denota ser Weber um relevante defensor do individualismo metodológico, implicando na ideia de que, apesar das análises sociológicas tratarem de fenômenos coletivos, o ator dá como sentido à ação social de cada indivíduo, o ponto de partida para análise dos fenômenos sociais (Quintaneiro, 2003).

**Destaca Weber que:**

a) o conhecimento de leis sociais não é um conhecimento do socialmente real, mas unicamente um dos diversos meios auxiliares que o nosso pensamento utiliza para esse efeito e, b) porque nenhum conhecimento dos acontecimentos culturais poderá ser concebido senão com base na significação que a realidade da vida, sempre configurada de modo individual, possui para nós em determinadas relações singulares (Weber, 1982, p.96).

Ao valorizar a singularidade das formas sociais com suas origens e formações diferentes dos demais, sendo cada grupo uma construção única, deve ser respeitado e avaliado em sua especificidade, revelando elementos que podem ser tomados

como ponto de partida para a construção de uma plataforma digital, visto que estes elementos de singularidades, os aproximam dos intuitos constituídos para a construção de projetos de informatização e de ações de determinados grupos sociais. Com isso, os acontecimentos na história de formação e organização de um grupo, devem ser levados em consideração neste momento, para que os projetos de transição do analógico ao digital, possam ser sustentáveis.

No entanto, segundo Quintaneiro (2003), o princípio de seleção dos fenômenos culturais infinitamente diversos é subjetivo, já que apenas o ponto de vista do sujeito é capaz de conferir-lhes sentido. “(...) tomar consciência não do que é genérico mas, muito pelo contrário, do que é específico a fenômenos culturais.” (Weber, 1982, p.116). Assim como, de proceder à imputação de causas concretas e adequadas ou objetivamente possíveis, destacando algumas conexões, construindo relações, e elaborando ou fazendo uso de conceitos, que para cada sujeito lhe pareça ser fecundo.

A resposta para o problema da objetividade, dão indícios, no entanto, da impossibilidade de construir uma objetivação necessária em que o grupo possa se perceber projetado em suas funções de trabalho, no âmbito digital, visto que a gama de valorização dada a subjetividade comporá um desafio aos acordos em comum, para o funcionamento dos projetos, inclusive da sustentação das conexões em uma plataforma de uso comum.

Os processos de racionalização, momento de desenvolvimento técnico que lhe possibilitou ser chamado o novo tempo, de tempos modernos, um novo horizonte de racionalização da cultura, entendeu-se na leitura de Weber, a partir da ciência e a técnica moderna e na arte autônoma (Habermas, 2003d). Entendemos que, “(...) Weber nomeia de racionalização a toda aplicação do saber empírico, da capacidade de prever e do domínio instrumental e organizativo sobre processos empíricos.” (Habermas, 2003d, p. 216).

Dessa forma, a racionalização, como institucionalização caracterizada em última medida por um sujeito que se opõe ao outro, poderá legitimar a tecnicidade cibernética, daqueles que possuem um maior conhecimento a respeito do sistema digital que os demais. Neste ínterim, um sujeito poderá determinar o *dever ser* do grupo, de modo a enquadrá-los de maneira evidentemente sofisticada, mas que no plano de eficiência, poderá representar um projeto de *software* sem usabilidade e ao mesmo tempo, um plano alienante para os usuários em face do desconhecimento dos processos, não conseguindo compreender, o desenvolvimento de suas atividades *online*.

Segundo Quintaneiro (2003), Weber destaca que, por meio das ciências sociais queremos compreender a peculiaridade da vida que nos rodeia, composta de uma diversidade quase infinita de elementos. Ao tomar um objeto, apenas um fragmento

finito dessa realidade, o cientista social empreende uma tarefa muito distinta daquela que se propõe o cientista da natureza. O que procura é compreender uma individualidade sociocultural formada de componentes historicamente agrupados, nem sempre quantificáveis, cujo passado se remonta para explicar o presente, partindo então deste, para avaliar as perspectivas futuras.

Esta perspectiva poderá ser considerada na condição de um viés interpretativo que oriente para a construção do sistema digital, por significar uma relação de sobreposição, e grande valorização da individualidade e por fim, os limites em transpor os elementos reconhecidos a partir dos ideários compostos por cada indivíduo, em componentes para o funcionamento da gestão digital. A compreensão da ação social subjetivadas e demonstrada em um padrão identitário de gestão da informação em seu espaço de trabalho contribui desde a recolher requisitos, as demais fazes na construção do projeto.

Os construtores de *software* podem desenvolver habilidades para a compreensão dos processos e estratégias identitárias, de ação, construídas pelos sujeitos para gerenciar em seu cotidiano laboral tendo em vista edificar com estas pessoas vínculos, que garantam perspectivas de alteridade que favoreça as primeiras conexões para a viabilidade e comprometimento mútuo para a construção colaborativa de projeto de um *sistema*.

Defendemos nesta metodologia que o projeto de uma plataforma digital, precisa ser construído a partir da compreensão dos processos subjetivos realizados pelos futuros usuários, que conectado o construtor do sistema, possam tornar-se um colaboradores ativos e com isso, construtores do próprio sistema que irão utilizar e assim, perceber naquele espaço virtual, representações objetivadas de seus processos de subjetivação e dos padrões construídos para gestar as informações que até então, eram realizados no formato analógico.

O engenheiro poderá construir uma estrutura de gestão digital no espaço público, criando oportunidades de construção e ligação com as pessoas. Assim, conhecer os seus padrões de ação, e a compreensão da subjetivação realizada por si dos processos de gestão da informação, para responder ao sistema institucional que ele está vinculado, profissionalmente.

Ouvir as pessoas, futuros usuários do sistema, de todos os seguimentos e compreendê-las na forma como construíram a sua gestão no modo analógico, no papel, e como que esta gestão poderá ser realizada em sua maior parte em uma estrutura digital, compõe um percurso fundamental neste primeiro passo da metodologia Z.

## 2.2 A objetivação: pressupostos teóricos de Èmile Durkheim para o uso na construção do sistema

Herdeiro do Positivismo, corrente filosófica, sociológica e política, segundo a qual “(...) propõe ordenar as ciências experimentais, considerando-as o modelo por excelência do conhecimento humano (...)”, (Quintaneiro, 2003, p.61). Durkheim defenderá que o comportamento social deveria ser objeto de análise das ciências, como qualquer um outro objeto a ser analisado.

Seguindo esta perspectiva, o ideário defendido por Durkheim repousa no pressuposto de que o mais importante é o que é composto, produzido e generalizado por um grupo, que é constituído como conhecimento geral por um coletivo. (...) o sistema social, num dado momento, como sendo analisável sob a forma de uma superposição de patamares, tratando-se de pôr em evidência, as relações e as interações existentes entre eles: o substrato do social (sua materialidade), as instituições, as representações coletivas”, (Filloux, 2010, p.14-15), compõe este objeto ou fato social de controle dos indivíduos. Este compõe o elemento tangível de ser quantificado e analisado, e que serve como um balizador ou uma força determinativa das ações dos indivíduos que convivem em um determinado contexto.

Assim, captar o que é generalizado por um grupo, constitui um elemento essencial para se pensar a organização social, assim, definia as ciências sociais como sendo, “(...) a ciência das instituições, da sua gênese e do seu funcionamento”, ou seja, de “toda crença, todo comportamento instituído pela coletividade.” (Quintaneiro, 2003, p.61). O que é generalizado por um grupo social, torna-se um padrão normativo para a organização, coerção, padronização dos indivíduos sociais.

Durkheim (1987, p. XXVI), afirma que

o que as representações coletivas traduzem é a maneira pela qual o grupo se enxerga a si mesmo nas relações com os objetos que o afetam. Ora, o grupo está constituído de maneira diferente do indivíduo, e as coisas que o afetam são de outra natureza. Representações que não exprimem nem os mesmos sujeitos, nem os mesmos objetos, não poderiam depender das mesmas causas.

É preciso, então, considerar a natureza social e não a individual e atentar para o fato de que o mundo todo é feito de representações. Este padrão social instituído é definido como *fato social*. A respeito deste tema, Durkheim define que: “o fato social é toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então ainda, que é gerada na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter.” (Durkheim, 1987, p.11).



Figura 3: Características do fato social para Durkheim

Fonte: <https://www.google.pt/search?q=imagem+fato+social+durkheim&tbm> – Acesso em: 05/12/2018.

A abordagem e construção digital que leve em conta as três características do fato social apresentado por Durkheim: generalidade, exterioridade e coerção, procuram controlar os indivíduos e desprezam o valor e a liberdade das expressões subjetivas que não são levadas em conta por Durkheim (1987), como elemento importante em seu sistema teórico, mas que devem ser levados em consideração no processo de construção de um sistema digital, em que muitas pessoas do grupo irão se conectar e alimentar de informações.

Construir um sistema digital para que um grupo utilize, levando em consideração somente esse marco teórico, poderemos ter algo semelhante a esta imagem uma analogia ao positivismo.



Figura 4: A imagem representa a ideia de um controle manipulador, externo a vontade do sujeito

Fonte: <https://www.google.pt/search?q=imagem+fato+social+durkheim&source=lnms&tbm> Acesso em: 06/01/2020

Trabalharemos com a premissa de um positivismo mitigado, que por um lado, neste segundo estágio, garantiria a objetivação realizada pela equipe técnica de programadores que trabalham na construção de um produto a ser submetido as condições discursivas de uma comunidade intersubjetivas que tomará este produto objetivado, para sua validação ou recusa.

Prender as importantes manifestações subjetivas dos indivíduos, em preceitos e ideias já determinadas e enrijecidas ao decurso do tempo, por um grupo e apresentá-las como sendo a ideia geral de funcionamento dos processos,

constituídos no sistema de informação do mesmo, para ser informatizada, ou seja, construir uma plataforma, a partir de uma perspectiva técnica, levando em consideração a interpretação de uma ou duas pessoas que estão no cargo de maior poder na organização, poderá por analogia, significar uma perspectiva objetivante do primado da técnica sobre os sujeitos, o que poderá constituir, por parte das pessoas que não foram ouvidas, a não efetivação e valorização no uso da plataforma digital.

Assim, a perspectiva generalista, defendida na afirmação: “para compreender a maneira como a sociedade representa a si mesma e o mundo que a cerca, é a natureza da sociedade, e não a dos particulares que se deve considerar” (Durkheim, 1987, p.23) poderá significar uma perda de valor e de ideias dos indivíduos que compõe o grupo e que poderão mitigar os inúmeros processos de reconstrução do sistema digital no futuro, caso possam participar efetivamente da construção do mesmo.

Apresentados, até então, alguns pontos que consideramos mais significativos em seu marco teórico, e de acordo com os elementos que temos interesse em analisar e relacioná-los com a abordagem que estamos refletindo, afirmamos que este poderá significar o segundo estágio do modelo Z, cuja presença marcante da figura do programador se mostra preponderante, no entanto, aberta a submissão do produto construído a análise do grupo de utilizadores, nosso próximo estágio de nosso modelo de interação.

### **2.3 Intersubjetividade - A comunidade de comunicação habermasiana e as condições de uso**

Diferentemente do positivismo e do idealismo, ideários presentes nas vertentes teóricas anteriores as perspectivas que não defendem pressupostos dialógicos e intersubjetivos, todavia compõe os primeiros estágios do modelo Z. Utilizaremos neste terceiro estágio, o conceito de intersubjetividade de Habermas (2012b) para orientar a organização dos grupos de usuários que pretendem construir algo em comum, como é caso da plataforma digital.

Todavia, considerar a comunidade de usuários e construir condições intersubjetivas para a discussão e validação da plataforma em construção, agrega um valor fundamental. Estágio que atribui um papel não alienante ao usuário por tornar-se também participe como construtor, recordando premissa defendida no início deste texto, a respeito da dupla estrutura performativa de participação dos cidadãos, na construção de suas próprias leis em um estado democrático. Assim, análoga a esta ideia, as condições intersubjetivas de uma comunidade de comunicação composta de usuários que participando ativamente, colaboram também no papel construtores da plataforma digital.

Uma comunidade real de comunicação, situada numa realidade histórica (...) a qual com a realidade presente de seus costumes e instituições se constitui como condição histórica e contingente, da situação real atual, comunidade que tem seu passado (...) historicamente irreversível e, por isso, determinante e que, como tal, se abre para um futuro possível, com uma pré-compreensão do “para onde” ela se dirige (...) e de ser responsável pelos projetos futuros (Herrero & Niquet, 2002, p. 21).

Construir comunidades de comunicação, a partir de suas condições identitárias de ação no que tange a gestão das informações dos conteúdos, neste caso dos alunos da educação especial e compor condições em fórum de discussão, que ressaltem as contribuições e interações, intersubjetivas. Estas condições estão correlacionadas aos processos de interação entre os sistemas e o mundo da vida.

Habermas (1990), se opõe aos *modus operandis* da racionalidade cognitivo-instrumental, rejeita não apenas os fundamentos normativos, mas as perspectivas intrínsecas as construções tecnológicas que sobrepõem valores humanos essenciais, como o reconhecimento intersubjetivo que poderia garantir a integração social. A importância dada a ele, ao mundo da vida, entendido como “(...) o campo do saber implícito, o elemento pré-reflexivo e pré-categorial, do fundamento do sentido esquecido da prática vital diária e da experiência do mundo.” (Habermas, 1990, p. 86), podemos tomar este contexto para ser utilizado como o estágio de construção da plataforma digital, utilizando desde essas condições que por meio de temas apresentados, como os conteúdos da plataforma, poderemos recolher contribuições oriundas das relações estabelecidas intersubjetivamente.

A compreensão dos discursos nas contribuições pragmáticas das interações com os usuários/construtores, ou seja, nos aspectos de uso dos discursos práticos, pode-se construir condições fecundas para o aprimoramento das estruturas do projeto em questão.

Assim, não há uma perspectiva de um solipsismo em sua filosofia, pois, até mesmo o sujeito solitário, carrega o mundo de significados linguísticos nas estruturas do seu pensamento, herdado pelas relações com os outros sujeitos, o que possibilita dar sentido intersubjetivamente aos seus pensamentos e ao conjunto de vivências e da sua própria identidade. Sendo ela esse conjunto de representações que cada um apresenta a respeito de si mesmo (Araújo, 2015).

Distanciar de um ideário expresso em uma razão instrumental representada não compõe as condições necessárias para a integração da sociedade, tendo em vista que ela tem como mecanismo de orientação, o sucesso e o poder o que não assegura valores éticos para a construção de uma comunidade de comunicação intersubjetiva, por ser orientada em uma perspectiva da racionalidade subjetiva, por meio da qual aquele que tem mais poder, muitas vezes, subjuga os demais à sua vontade, compondo a lógica de sujeito/objeto.

Por analogia, aquele que possui conhecimento técnico poderá se abrir às condições discursivas e simétricas, se distanciando das condições monológicas e binárias das lógicas sujeito/objeto. Este caráter unilateral da racionalidade, enclausurada no modelo sujeito-objeto, assim como, a ilusão da autofundamentação cognitivista-instrumental, Habermas aponta a seguinte crítica:

(...) na concepção da teoria do objeto (...) pois, os atos do sujeito vivenciados, agentes e sentenciados somente podem referir-se a objetos intencionais, nas palavras de Husserl. Todavia, este esboço de um objeto representado não faz jus à estrutura proposicional dos estados de coisas pensados e enunciados. (Habermas, 1990, p. 54).

Santaella (2016), postula que este processo poderá ocorrer na perspectiva dos dilemas de uma sociedade que possui um desenvolvimento tecnológico surpreendente e por outro lado, milhares morrendo de fome ou nas guerras. Isto representa indícios, estruturas de racionalidade de instrumentalização do outro nas faces das discrepantes desigualdades.

Partindo da relação comunicativa entre os sujeitos como condição para se construir o entendimento, baseado nas pretensões de validade levantadas por esses sujeitos nos processos de interações comunicativas, permitirá a construção de acordos acerca de temas que impactam a vida em sociedade e permitem a construção de projetos comuns que favoreçam a melhoria das condições de vida, e neste trabalho, possibilita a integração entre as pessoas em face da construção de uma plataforma digital.

A linguagem assume “(...) a função de integração social ou da coordenação dos planos de diferentes atores na integração social (...)” (Habermas, 2003a, p. 41) e essa “(...) integração social do mundo da vida se encarrega de que as situações novas que se apresentam na dimensão do espaço social fiquem conectadas com os estados do mundo já existentes: cuida para que as ações fiquem coordenadas através de relações interpessoais legitimamente reguladas, e confere continuidade à identidade dos grupos em um grau que baste à prática comunicativa cotidiana.” (Habermas, 2003e, p. 200).

A construção de reuniões com grupos, com que se pretende construir a gestão digital em um espaço público, favorece para adequar, organizar e dirimir os conflitos e tomar decisões que possam orientar as ações das pessoas. Por isso, a ideia de “(...) a esfera pública entendida como espaço do trato comunicativo e racional entre as pessoas (...)” (Habermas, 2007, p. 19), lugar para que as pessoas possam apresentar suas razões para se construir algo que possa ser bom para todos. Apresentar razões acerca de temas à vida prática, constitui em Habermas, uma perspectiva fundamental para a integração social.

As razões a favor ou contra determinado tema e plano de ação, mostram a

importância do engajamento dos sujeitos que desejam resolver os seus dilemas não na lógica de ações violentas, mas por meio dos discursos, maneira de materializar o agir comunicativo.

Neste viés teórico, o poder de decisão não é, e não está nas mãos de uma pessoa ou instituição, que poderá se portar como a detentora da verdade, sem escutar ninguém em suas decisões, mas sim, na força das razões materializadas em um entendimento construído em comum de uma comunidade comunicativa, que é capaz de dirimir as diferenças entre os seus membros pela via dialógica e compor condições porosas para acolher a todos que queiram participar dos processos comunicativos e conservar o respeito àqueles que querem ser indiferentes a esse processo.

Desta maneira, os sujeitos que desejam participar de uma comunidade de comunicação devem levar em consideração determinados pressupostos para a integração social, o que compõe a estrutura formal da ética do discurso habermasiana. A perspectiva teórica habermasiana, poderá ser assim entendida:

Uma vez que o agir comunicativo depende do uso da linguagem dirigida ao entendimento, ele deve preencher condições mais rigorosas. Os atores participantes tentam definir *cooperativamente* seus planos de ação, levando em conta uns aos outros, no horizonte de um mundo da vida compartilhado e na base de interpretações comuns da situação. Além disso, eles estão dispostos a atingir esses objetivos mediatos da definição da situação dos fins, assumidos o papel de falantes e ouvintes, que falam e ouvem *através de processos de entendimento*. (Habermas, 1990, p. 72, grifos do ator).

Assim, os sujeitos não podem orientar a sua ação para o que é bom para si e que possa trazer sucesso e poder para poucos, mas sim, o que poderá ser bom para todos e que deverá ser construído um entendimento como resultado final dos discursos proferidos.

Chamo comunicativas às interações nas quais as pessoas envolvidas se põem de acordo para coordenar seus planos de ação, o acordo alcançado em cada caso medindo-se pelo reconhecimento intersubjetivo de pretensões de validade (...) [que] os atores erguem com seus atos de fala (...) [N] o agir comunicativo um é *motivado racionalmente* pelo outro para uma ação de adesão -- e isso em virtude do efeito ilocucionário de comprometimento que a oferta de um ato de fala suscita. Que um falante possa motivar racionalmente um ouvinte à aceitação de semelhante oferta [se explica] pela *garantia* assumida pelo falante, tendo um efeito de coordenação de que se esforçará, se necessário, para resgatar a pretensão erguida (...) Tão logo o ouvinte confie na garantia oferecida pelo falante, entram em vigor aquelas *obrigações relevantes para a sequência da interação* que estão contidas no significado do que foi dito (...) Graças à base de validade da comunicação voltada para o entendimento mútuo, um falante pode, por conseguinte, ao assumir a garantia de resgatar uma pretensão de validade criticável, mover um ouvinte à aceitação de sua oferta de ato de fala e assim alcançar para o prosseguimento da interação um efeito de acoplamento, assegurando a adesão. (Habermas, 2003a, p. 79-80, grifos do autor).

Pelo fato de a coordenação da ação se constituir por racionalidades diferenciadas,

(...) a ação comunicativa se distingue das interações de tipo estratégico porque todos os participantes perseguem sem reservas fins ilocucionários, com o propósito de chegar a um acordo que sirva de base a uma coordenação, superando os planos de ação individuais. (Habermas 2003d, p. 379).

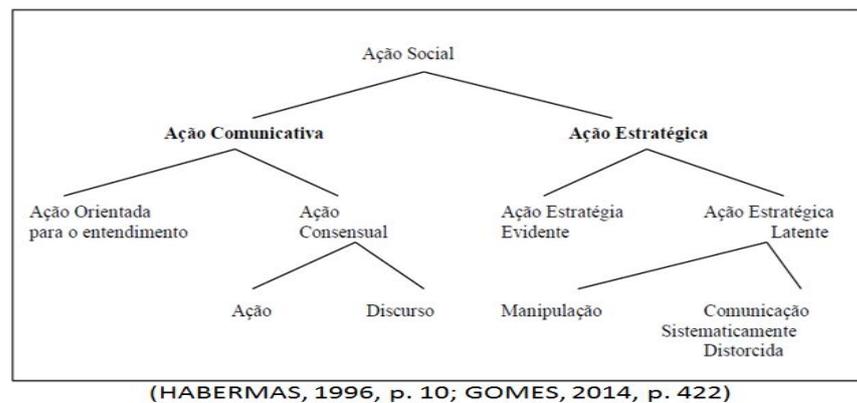


Figura 5: O quadro detalha o modo de interação proposto por Habermas e dentre as duas ações em destaque ele irá valorizar a Ação Comunicativa

Fonte: <https://www.google.pt/search?q=imagem+fato+social+durkheim&tbm> acesso em: 07/01/2019.

Outro conceito que temos que explicar, é o do entendimento que consiste na construção de toda ação comunicativa. Através da linguagem, ele se desenvolve da seguinte maneira:

(...) os participantes de uma interação unem-se através da validade pretendida de suas ações de fala ou tomam em consideração os dissensos constatados. Através das ações e fala são levantadas as pretensões e validade criticáveis, as quais apontam para um reconhecimento intersubjetivo. (Habermas, 1990, p. 72).

Dessa maneira, o reconhecimento entre os sujeitos que tem como caminho as pretensões de validade, torna viável um entendimento. Este tem o significado mínimo de que ao menos dois sujeitos linguísticos e interativamente competentes entendem identicamente uma expressão linguística, a se tornar criticável ou legitimada por todos. Além de significar essa compreensão, ele dispõe no mundo social de condições moralmente aceitas ou criticáveis, por todos os envolvidos nos discursos. O entendimento intersubjetivo constitui-se o *telos* da ação comunicativa e segundo Habermas, este

(...) conceito de “entendimento” possui conteúdo normativo, que ultrapassa o nível de compreensão de uma expressão gramatical. Um falante entende-se com o outro sobre uma determinada coisa. E ambos só podem visar tal consenso se aceitarem os proferimentos por serem válidos, isto é, por serem conforme a coisa. (Habermas, 1990, p. 77).

Uma racionalidade que se guia pelo viés do entendimento intersubjetivo, se intitula razão comunicativa. Ela acontece nos grupos que querem construir algo que seja bom para si e que para isso, tem que realizar pela via do diálogo.

A estruturação formal da ética do discurso, revela-se a partir da regulação dos

pressupostos pragmáticos universais de validade, para o agir comunicativamente. O que isso quer dizer é que há uma forma orientativa construída intersubjetivamente para garantir o resultado que é o entendimento ou a concretização de um projeto, resultado desta interação e para impedir que as decisões possam ser operacionalizadas por uma razão estratégica, ou seja, uma decisão que privilegie somente algumas pessoas da comunidade ou do grupo em um determinado projeto em questão, em detrimento dos demais participantes.

Os pressupostos mencionados são: a **Verdade** – que a fala de alguém possa conferir o que é, ou seja, a linguagem retrate a realidade entendida por todos os socializados naquela cultura do grupo. **Inteligibilidade** – expressar de maneira que todos possam compreender. **Veracidade** – apresente suas razões subjetivas à comunidade de comunicação, ou seja, seus motivos particulares, seus sentimentos, a respeito do que será construído em comum, etc. **Correção** – todos os participantes devem estar abertos a correção visto que ninguém é dono da verdade e os acordos não estão pré-definidos eles serão submetidos aos diversos posicionamentos acerca dos conteúdos apresentados, para que prevaleça a ideia que possa ser consensuado em grupo e não o argumento por autoridade. Por isso, a importância desta abertura a correção e complementação do conteúdo exposto em cada discurso ou fala (Habermas, 2003d).

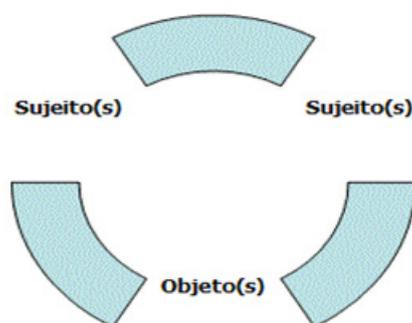


Figura 6: A imagem apresenta a ideia relação intersubjetiva que interage a respeito de um objeto ou tema de discussão.

Fonte: <https://www.google.pt/search?q=imagem+fato+social+durkheim&tbn> acesso em: 05/01/2019.

Estes elementos apresentados, demonstram um tipo de racionalidade que poderá ser vivenciada em muitos contextos. Assim, esta estrutura expressa a comunidade de comunicação constituída por médium do diálogo, orientada para o entendimento o que permite as pessoas vivenciarem as possibilidades do exercício do poder de uma maneira deliberativa.

### 2.3.1 Sistema deliberativo a partir da interação comunicativa compõe-se de uma dupla estrutura na construção da plataforma digital.

O sistema deliberativo e de aprendizagem mútua, construído por um grupo poderá servir como referência para que se possa vivenciar em uma comunidade de comunicação, que no caso é uma instituição de ensino, a construção de projetos comuns. Neste caso, os processos de gestão compõem o elemento a ser construído pela via da plataforma digital. É claro que, constitui-se um desafio desenvolver com um grupo condições intersubjetivas e comunicativas neste nível, para a construção de um projeto comum. No entanto, esta poderá ser o caminho mais seguro para garantir os melhores resultados e a efetiva participação e valorização de todos, diante de um projeto que está sendo construído coletivamente.

Na obra “Direito e Democracia”, Habermas (1997), formulou estes princípios buscando mostrar as possibilidades de constituir ações deliberativas, resultado das interações comunicativas. O grupo aprende a conviver com dupla estrutura performativa, por meio da qual ele desenvolverá as deliberações necessárias, a partir de suas necessidades, para compor os requisitos e as estruturas internas do próprio sistema digital.

Contribuir comunicativamente, dispõem dos participantes alimentar-se de “(...) uma solidariedade de cidadãos que se respeitam reciprocamente como membros livres e iguais de uma comunidade (...)” (Habermas, 2007, p.9). Assim, aqueles que serão os utilizadores, são em primeira instância, os construtores do mesmo sistema de informação. Este viés construtivo, garantiria a validade na vida prática do sistema.

A responsabilização solidária pelo outro como um dos nossos se refere ao “nós” reflexivo numa comunidade que resiste a tudo o que é substancial, e que amplia constantemente suas fronteiras porosas. (...) Essa comunidade projetada de modo construtivo não é um coletivo que obriga seus membros uniformizados à afirmação de índole própria de cada um (...) a “inclusão do outro” significa que as fronteiras da comunidade estão abertas a todos - também e justamente àqueles que são estranhos um ao outro - e querem continuar sendo estranhos. (Habermas, 2002a, p.07-08).

Há em primeira instância, um sistema de informação constituído, e o mesmo, poderá ser bem-sucedida no viés digital, caso haja essa responsabilização solidária entre os usuários/construtores e válidas serão as construções tecnológicas elaboradas que valorizem as performances dos participantes da comunidade comunicativa, sejam nas condições de gestão do sistema de informação, seja na condição de usuário. Isto se mostra viável, tendo em vista a dupla estrutura performativa que deve ser levada em consideração a alteridade contida no ato produtivo do *software*. Ao realizar isso, o construtor do sistema deve contemplar as condições de vida do cidadão usuário e gestor da política pública que aquele sistema

de mídia poderá contribuir com eficiência e eficácia na resolução das demandas e a integração social daqueles que muitas vezes, socialmente não são incluídos nos contextos vivenciais das políticas públicas.

## 2.4 A Interconectividade. Interações coletivas online para a melhoria das estruturas da plataforma digital

Estabelecidas as condições comunicativas e as condições simétricas possíveis, para que os usuários/construtores e técnicos, possam contribuir interativamente na edificação da plataforma para a gestão digital dos conteúdos da Educação Especial, constitui-se necessário compreender a perspectiva de inteligência coletiva que consideramos como um processo de interconectividade.

É uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências. Acrescentemos a nossa definição este complemento indispensável: a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento mútuo das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas. (Lévy, 2015, p.29).

Levar-se em consideração, segundo Lévy (2015), que todos sabem alguma coisa, e a inteligência deve ser valorizada na efetivação dos projetos, pensar nos mecanismos digitais que podem potencializar a interação e o espaço de compartilhamento de ideais fomentando a criatividade, distribuindo a responsabilização na gestão, o que viabilizará o reconhecimento das competências do grupo em uma gestão horizontalizada.

(...) quando valorizamos o outro de acordo com o leque variado de seus saberes, permitimos que se identifique de um modo novo e positivo, contribuimos para mobilizá-lo, para desenvolver nele sentimentos de reconhecimento que facilitarão, conseqüentemente, a implicação subjetiva de outras pessoas em projetos coletivos. (Lévy, 2015, p.30).

Podemos identificar uma relação de complementariedade entre a teoria da ação comunicativa habermasiana e os processos de interação, propostos por Lévy(2015), no que tange ao processo de participação de todas as pessoas e a valorização de todos os saberes para a construção de um projeto coletivo, tendo em vista que, “o ideal da inteligência coletiva implica a valorização técnica, econômica, jurídica e humana de uma inteligência distribuída por toda a parte, a fim de desencadear uma dinâmica positiva de reconhecimento e mobilização das competências.” (Lévy, 2015, p.30).

Assim, também por repensar o modo cartesiano da produção do conhecimento. O valor dado ao coletivo que *cogita* juntos em busca de um “processo de crescimento, de diferenciação, e de retomada recíproca das singularidades. A imagem móvel que emerge de suas competências, de seus projetos e das relações que seus

membros mantêm no espaço do saber, constitui para um coletivo um novo modo de identificação, aberto, vivo e positivo” (Lévy, 2015, p.32).



Figura 7: A imagem apresenta a ideia de uma comunidade em relação interconectiva, ou seja, construindo e compartilhando conteúdos, a partir da inteligência coletiva.

Fonte: <https://www.google.pt/search?q=inteligência+coletiva&source=lnms&tbm> acesso em: 10/01/2019

Caracterizado e constituído o grupo de trabalho para a construção da plataforma, destacando que o sucesso do projeto possui uma forte e impotente ligação a ele, segundo Alturas (2013), a combinação intencional de pessoas e de tecnologia para atingir um determinado objetivo, e que em função de uma organização que possibilite condições para resolverem a necessidade das demandas constituídas em todo o processo, conseguiriam cumprir os objetivos que constituíram para si, na condição de grupo.

Conhecer o que Lévy (2015), intitula-se engenharia do laço social por parte do técnico e dos demais representantes do grupo, poderá sugerir uma perspectiva engenhosa para a construção com sucesso da própria plataforma. Esse contexto, da inteligência coletiva, representa a possibilidade de potencialização da produção do grupo, que estarão conectados em rede, levando em conta o “reconhecimento e enriquecimento mútuo das pessoas” (Lévy, 2015, p.27).

Todavia, vale ressaltar que a inteligência coletiva não é um conceito exclusivamente cognitivo. A inteligência deve ser compreendida também como na expressão ‘trabalhar em comum acordo’. Significa, segundo Lévy (2015), uma abordagem de caráter bem geral da vida em grupo e na sociedade, potencializando o uso do conhecimento e o da inteligência coletiva, distribuída por todo o grupo.

A inteligência coletiva, já existe a nível da sociedade animal, sejam nos formigueiros, cardumes, nas abelhas, nas sociedades de mamíferos, pássaros,

etc. Há uma perspectiva colaborativa entre eles e são capazes diante de um perigo, resolverem conjuntamente. Já nós humanos, a nossa inteligência coletiva, possui muitos mecanismos, como a linguagem, a tecnologia complexa, instituições diversas, enfim, a complexidade se mostra mais poderosa e por isso, dominamos a biosfera Lévy (2015).

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência, dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada. Não se pode mais conceber a pesquisa científica sem uma aparelhagem complexa que redistribui as antigas divisões entre experiência e teoria (Lévy, 1993, p. 12).

Temos claro, uma inteligência pessoal e uma coletiva e cada um de nós tem o entendimento do todo em si, assim como percebemos o todo fora de nós. Assim, a indicação de Lévy (2015), é o de aumentar a inteligência coletiva, aproveitando a mídia algorítmica, o que é diferente da inteligência artificial. Esta inteligência é “o conjunto de técnicas utilizadas para tentar realizar autômatos, comportamento semelhante aos do pensamento humano” (Epstein, 1986, p.66).

O grande desafio, apontado por Lévy (2015), é o da necessidade de melhorar a cultura, criando uma inteligência coletiva reflexiva e não *cyborgs*. Assim, a ideia de melhorar a memória tirando proveito das mídias. O “ciberespaço, acolhedor das inteligências coletivas, o ciberespaço tanto mais navegável e acessível, (...) A inteligência coletiva em tempo real e em grande escala necessita da infraestrutura técnica adequada” (Lévy, 2015, p.59).

Esta imagem apresenta, de modo detalhada, os processos de participação, colaboração e interatividade, de processos aos ciclos.

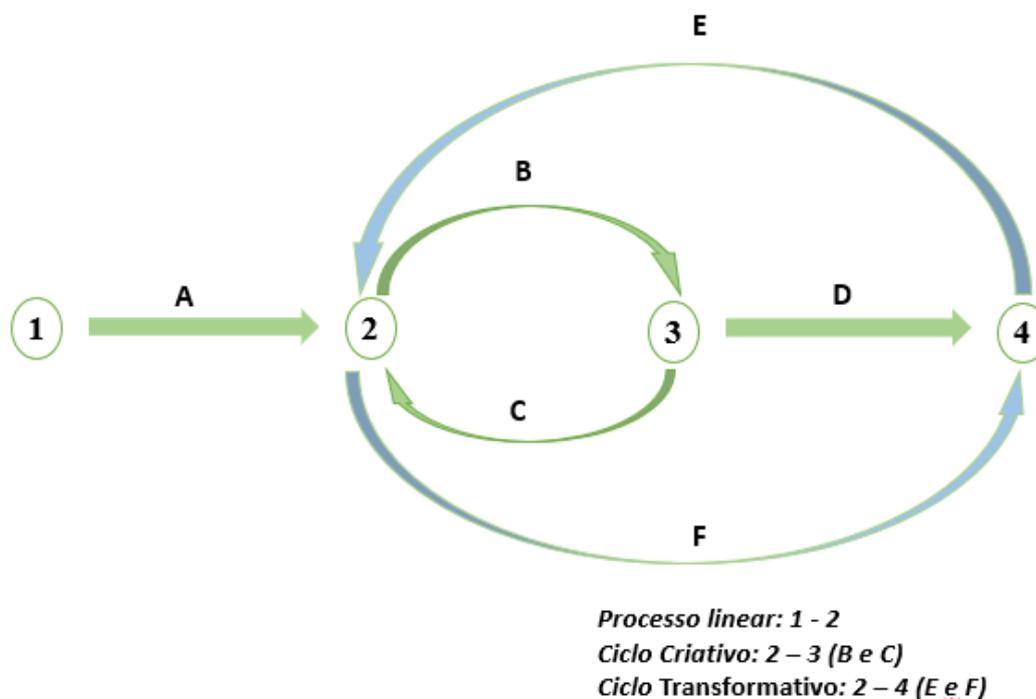


Figura 8: O processo linear com o Modelo Z e a passagem aos ciclos associados

O percurso realizado para a construção colaborativa de uma plataforma digital, tema deste artigo, é descrita em quatro níveis de interações eles se constituem a partir de três fases: 1. processo linear, 2. ciclo criativo e 3. ciclo transformativo. Este percurso é desenvolvido entre os utilizadores, analistas e programadores.

**Nível 1:** O responsável pela construção do sistema capta com cada pessoa, futura usuária da plataforma, do território mapeado, suas necessidades para o uso do sistema, seguindo um **processo linear**. **A)** Passagens de informações para o engenheiro de *software*, referente a suas necessidades para a construção do sistema.

**Nível 2:** Em posse das informações subjetivas, recolhidas, o responsável realizará a objetivação, construindo um produto, que poderá ser, os requisitos os diagramas de caso de uso, templates e para apresentar aos usuários. **B)** - Início um **ciclo criativo**. Apresentação dos resultados objetivados para o grupo que possui um mesmo padrão identitário de ação e que na sua maioria, este padrão está ligado ao cargo ou função e que ocupa.

**Nível 3:** O grupo de usuários irão interagir entre si e com o engenheiro do *software* numa perspectiva intersubjetiva. **C)** O grupo realizará todas as observações necessárias a serem recolhidas pelo engenheiro e aprovará aquelas que alcançarem as necessidades do grupo, o engenheiro acrescentará ao projeto as sugestões dadas pelo grupo de usuários. Nesta interação de caráter presencial, o sistema deverá oferecer condições de acesso para que estes usuários sejam cadastrados. **D)** Ocorrerá uma passagem do nível presencial para as interações

digitais no próprio sistema a partir do cadastramento dos usuários na plataforma.

**Nível 4:** Neste nível, ocorre a materialização de um processo de desterritorialização, dando início a um **ciclo transformativo** de alta performance. **E)** Os usuários, por meio de seu acesso à plataforma construirá um diálogo, em um fórum *online*. Podem apresentar suas sugestões para melhoria da plataforma em que está inserido. **F)** O engenheiro captará as ideias de inovação apresentadas no fórum *online*, e poderá implementar as ideias de inovação ou justificar a sua não implementação, tendo como critério: a segurança das informações, os níveis de acesso, etc. Ele avaliará as condições estruturais de usabilidade do próprio sistema. A realização deste último ciclo, demonstra a importância da interdependência entre os usuários e engenheiros, reconhecendo nessa relação, uma perspectiva de colaboração mútua. Isso poderá garantir a melhoria de acesso e alimentação da mesma. Em última instância, os atendimentos poderão ser mais qualificados às pessoas que utilizam o serviço e possuem ou passarão a ter seus dados inseridos nesta plataforma.

Sendo assim, os quatro autores apresentados, podem ser sintetizados por meio da implementação de seus conceitos fundantes garantindo, epistemicamente, os percursos referendados nos quatro níveis, constituídos a partir das três fases. Este percurso fica assim, justifica: a passagem de uma abordagem, de interação linear presente na primeira fase, para um processo de interação intersubjetiva da segunda fase e por fim, construir relações interconectivas nos fóruns *online*, ideário presente na terceira fase.

Sintetizado e sistematizado o modelo Z que confere ao processo de construção de uma plataforma digital, o uso de conceitos filosóficos e sociológicos para a sua engenharia e a garantia de participação, colaboração e interação, elementos fundamentais para realização do modelo Z e para a construção de uma cultura digital.

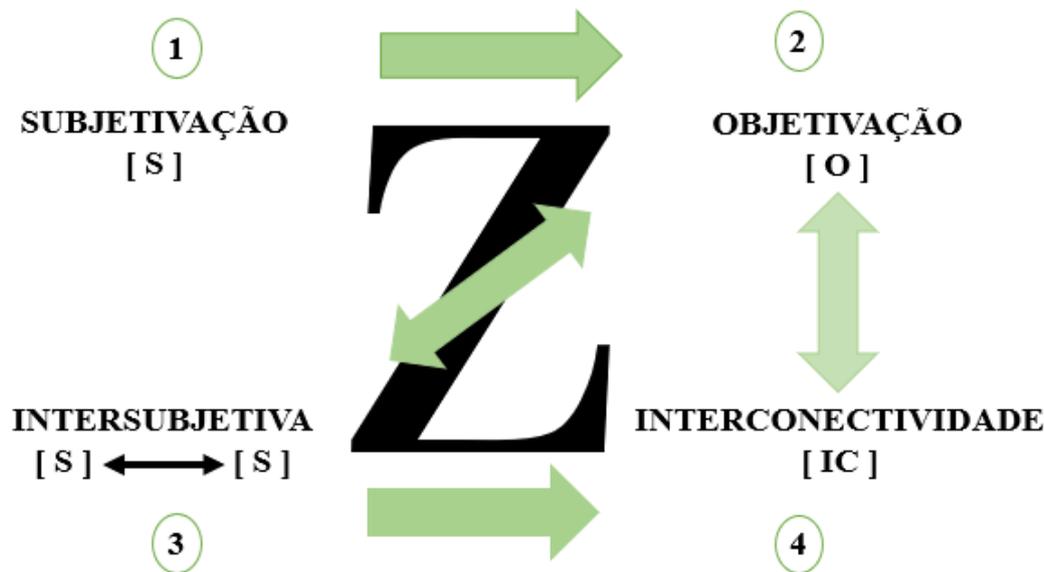


Figura 9: O Modelo Z com as interações entre níveis.

O resultado em síntese do percurso, expresso, nessa imagem, revela um processo de transformação do formato em papel para o digital, mas não somente, este modelo poderá contribuir para o envolvimento e conexão das pessoas entre si, para a criação e transformação de seus espaços digitais ou virtuais. Ele propicia a participação, colaboração e a interconectividade de cada um entre si, na comunidade educativa, neste caso, em formato de fóruns de discussão permanente, para a melhoria das estruturas da plataforma e conseqüentemente, dos processos de ensino e aprendizagem para os estudantes.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Captar o modo e a mentalidade para a construção de qualquer artefato, constitui bases importantes e necessárias para sua existência e permanência na história de um grupo e poderá ser também, a condição para sua constante ressignificação e manutenção por significar uma experiência subjetivada, que constituiu para o grupo construtor, o resultado de um esforço efetivo de um coletivo de pessoas que se empenharam para dar respostas aos limites, neste caso comunicacional de interconectividade em que estavam vivendo.

O que me parece inovador é mostrar essa relação de complementariedade e interdependência entre a comunidade de comunicação que constituída nas condições, mais simétricas possíveis, para o envolvimento de todas as pessoas que desejam resolver os problemas de sua comunidade. A continuação desse processo de integração, poderá ser operado nas estruturas da inteligência coletiva em uma perspectiva interconectiva. Destacamos que tanto no viés das relações intersubjetivas, como em condições interconectivas haverá sempre interações do

sujeito para o grupo ou mesmo do grupo para o sujeito.

Ressaltamos no entanto, que este estágio da inteligência coletiva, é resultante da continuação e complementariedade entre os sistemas teóricos e das condições de vida das pessoas, que poderão servir como condição de possibilidade, para que nos processos de construção de ambientes e plataformas digitais não haja o primado da técnica sobre os sujeitos, mas que ambos possam construir juntos, numa perspectiva de complementariedade e interconectividade.

As formas como podem ser vistos os marcos teóricos que cunhavam uma reflexão interpretativa dos modos de vida da sociedade, compõe perspectivas dissonantes que podem não garantir o ideário de sistema ou mesmo, construir sistemas de uma maneira objetivante, ou seja, realiza-se a construção de um sistema digital que enquadre as pessoas a agirem nos processos de usabilidade e alimentação de maneira que não garantam integração das mesmas nos processos de conectividade, o que poderá inviabilizar a sustentação da proposta que foi construída por um conjunto de técnicos que não serão usuários e que distanciados do mundo da vida destas pessoas, constroem estruturas tecnológicas ideais para si e fechados em ideários a partir de si.

No entanto, nos processos de uso o sistema precisará ser refeito quantas vezes forem necessárias, para adaptar à realidade das demandas no cotidiano de gestão, e processamento da informação vivido pelas pessoas que são usuárias e alimentadoras do sistema. Como cada autor buscou enxergar o modo de construir um sistema que pudesse responder em seu contexto, os processos de integração social que possibilitariam avançar no âmbito da edificação de mecanismos de participação ou não das pessoas para a interconectividade, expresso no modelo Z.

## REFERÊNCIAS

Alturas, B. (2013). *Introdução aos sistemas de informação organizacionais*. Lisboa: Edições Sílabo.

Alvarez, M.E.B (1990). *Organização, sistemas e métodos*. V.1., São Paulo: McGraw-Hill.

Bertalanffy, L. V.(1975). *Teoria Geral dos Sistemas*. Ed. Vozes.

Branco, S.M.(1999). *Ecossistêmica. Uma abordagem integrada dos problemas do meio ambiente*. 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher.

Durkheim, E. (1987). *As regras do método sociológico*. 13 ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Epstein, I. (1986). *Cibernética*. São Paulo: Editora Ática. Série Princípios.

Espinoza, B. (2004). *Tratado da Reforma da Inteligência*. Tradução: Lívio Teixeira. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes.

- Erle, M. A., Galé, P. F.(2009). *Arte e filosofia no idealismo alemão*. São Paulo: Barcarolla.
- Fernandes, J.M.; Machado, R. J. (2017). *Requisitos em projeto de software e de sistema de informação*. São Paulo: Novatec Editora Ltda.
- Filloux, J.C. (2010). Émile Durkheim / Jean-Claude Filloux; tradução: Celso do Prado Ferraz de Carvalho, Miguel Henrique Russo. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana,
- Hélio, E. J. (2010). *Engenharia de software na prática*. São Paulo: Novatec Editora Ltda.
- Habermas, J.; Ratzinger, J. (2007). *Dialética da secularização: sobre razão e religião*. Tradução: Alfred J. Keller. Aparecida, SP: Idéias&Letras,.
- Habermas, J. (1990). *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Habermas, J. (2003d). *Teoría de la acción comunicativa*. Vol. I . Trad. Manoel J. Redondo. Madri: Taurus Humanidades.
- Habermas, J. (2004<sup>a</sup>). *O futuro da natureza humana: a caminho de uma eugenia liberal?* Trad.Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes,
- Habermas, J. (2003<sup>a</sup>). *Notas programáticas para a fundamentação de uma ética do discurso*. In.: HABERMAS, Jürgen. Consciência moral e agir comunicativo. Trad.: Guido Antônio de Almeida. 2.ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Habermas, J. (2002<sup>a</sup>). *A inclusão do outro: estudos de teoria política*. Trad. George Sperber Paulo Astor Soethe. São Paulo, Ed. Loyola,.
- Habermas, J. (2005). *Diagnóstico do nosso tempo: seis ensaios*. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Janeiro: Tempo Brasileiro,.
- Habermas, J. (1997). *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. Vol. I Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,
- Herrero, F. J. ; Niquet, M. *Ética do discurso: novos desdobramentos e aplicações*. São Paulo: F. Javier Herreiro, 2002.
- Laudon, K.C. (Org.) (2014). *Sistemas de Informação Gerenciais*. 11 ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil.
- Levy, P. (1993). *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da Informática*. Editora 34, Rio de Janeiro.
- Lévy, P. (2015). *Inteligência coletiva. Para uma antropologia do ciberespaço*. 5<sup>a</sup> edição, São Paulo: ed. Loyola.
- Monteiro, J. C. S. & Cardoso, A.T.(2002). *Weber e o Individualismo Metodológico. Anais do 3o Encontro Nacional da ABPC – Associação Brasileira de Ciência Política*. Niterói – RJ.
- Pizzi, J. (2005). *O conteúdo moral do agir comunicativo*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- Quintaneiro, T.(2002). *Um toque de Clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. 2<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Santaella, L. (2016). *Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política*. São Paulo: Paulus.

Wazlawick, R.S. (2004). *Análise e projeto de Sistemas de informação orientados a objetos*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Weber, M. (1999). *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica Gabriel Cohn. Brasília, DF: UnB: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Weber, M.(1982). *A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais*. In: COHN, Gabriel (Org.). Max Weber: Sociologia. Tradução de Amélia Cohn e Gabriel Cohn. 2. ed. São Paulo: Ática, p. 79-127.

Vazquez, C.E.Simões, G.S.(2016). *Engenharia de requisitos: software orientado ao negócio*. Rio de Janeiro: Brasport.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aforização 176, 180, 181, 182, 186, 187

Análise de Conteúdo 124, 157

Andirá 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123

Antropologia 40, 65, 66, 68, 69, 71, 72, 73, 77, 121, 123, 204, 205

Aprendizagem 32, 35, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 153

Apresentadora 137, 139, 141, 143, 144, 145, 146

### B

Big data 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

### C

Capa de revista 176, 177, 178, 182, 186

Catalunha 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175

Ciberteologia 1, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13

Comportamento do Consumidor 78, 79, 80, 91, 97

Consumo 65, 66, 68, 72, 75, 82, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 109, 110, 183, 188, 189, 190, 191, 200, 201, 203, 204, 206

Convergência 71, 72, 92, 95, 97, 99, 101, 102, 152, 153, 160, 166, 173

Cultura 1, 2, 3, 5, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 17, 22, 31, 35, 37, 45, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 80, 92, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 111, 113, 114, 121, 123, 126, 134, 136, 137, 139, 142, 143, 144, 145, 150, 152, 153, 154, 160, 161, 166, 169, 175, 190, 196, 204, 205

### D

Destacabilidade 176, 178

Duolingo 42, 43, 45, 47, 51

### E

Ecologia da Comunicação 124, 126, 136

Engenharia de Sistema 14

Ensino 19, 32, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 51, 52, 97, 120, 145, 157

Epistemologia 65, 171

Estudos Culturais 65, 66, 69, 72, 73, 75

## F

Fé 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 118, 119, 121, 133, 134

Frases sem texto 176, 178, 187

## I

Interconectividade 14, 21, 33, 38, 39

Intersubjetividade 14, 21, 26

Intolerância Religiosa 124, 125, 131, 132, 133, 134, 135, 136

## L

Língua estrangeira 42, 43, 46, 52

## M

Marketing 78, 79, 82, 83, 84, 86, 90, 91, 96, 97, 99, 100, 102, 103, 205

Memória 35, 110, 111, 112, 114, 115, 118, 119, 122, 123, 153

Metodologia 14, 20, 21, 23, 65, 78, 84, 90, 119, 121, 123, 126, 145, 157

Mídia 1, 16, 33, 35, 92, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 107, 108, 109, 110, 111, 124, 136, 140, 141, 147, 148, 150, 152, 153, 159, 160, 162, 206

Mídias 5, 11, 13, 35, 53, 54, 59, 60, 62, 63, 64, 92, 95, 97, 99, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 153, 154, 167, 206

Midiativismo 149, 158

Minimercados 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 89, 90

Mulher negra 72, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Música 50, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 192, 205

## O

Objetivação 14, 17, 21, 22, 24, 25, 36

Opinião Pública 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 133, 164

## P

Pesquisas 21, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 69, 71, 72, 88, 145

Plataforma digital 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 32, 33, 36, 37

## Q

Questionários 53, 54, 59, 60, 62, 63, 64, 84

Quilombos 114, 115, 122, 123

## R

Redes sociais 4, 5, 7, 11, 95, 96, 138, 149, 150, 152, 154, 159, 160, 161, 178, 206

Requisitos 14, 23, 32, 36, 40, 41

Revista semanal 176, 178

## S

Semiótica 71, 104, 105, 107, 112, 113

Separatismo 162, 163, 164, 168, 170, 172, 174

Sociedade 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 12, 13, 24, 26, 27, 28, 34, 39, 41, 42, 44, 55, 59, 67, 72, 82, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 114, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 144, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 158, 159, 163, 165, 190, 195, 200, 201, 203, 204, 205

Subjetivação 14, 17, 21, 23

Supermercados 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 88, 89

## T

Televisão 93, 101, 131, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 153, 201

Territorialidade informacional 149, 154, 157, 158, 160

Tradição 8, 12, 68, 114, 118, 119, 121, 123, 134

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**